

sido companheiro de Afonso de Albuquerque e general da expedição enviada em auxílio de Carlos V, por mando de D. João III, na célebre empresa de Tunes (1521).

Baseando-se quase que exclusivamente nos cronistas (João de Barros, Gaspar Correia, Damião de Góis) e em outros documentos da época, o autor procura narrar os episódios da vida de Antônio de Saldanha, abrangendo um período que vai de 1503 a 1535. O trabalho nos surge, assim, pontilhado de citações, o que revela a preocupação de evitar, como diz na Introdução, “comentários pessoais” ou “conjecturas que não sejam imperativas”. Além da documentação que aparece no decorrer da leitura, há ainda, em apêndice, quatro textos elucidativos.

A nosso ver, entretanto, o mérito da obra reside no fato de o autor não se prender apenas aos feitos individuais do célebre marinheiro. O que se nota é, sobretudo, a tentativa de dar uma ambiência geral, embora nem sempre explícita, em que os feitos extravasam os limites da ação individual e se estendem ao comportamento do português na Índia, retratando todo um modo de viver e pensar e toda uma trama político-diplomática. Segundo palavras do próprio Alexandre Lobato, o livro “mostra Saldanha em plena luta”, e o resultado é um panorama vivo da presença portuguesa no Oriente.

ANA MARIA DE ALMEIDA CAMARGO

*

* *

Vida do honrado Infante Josaphate filho del rey Avenir, versão de Frei Hilário da Lourinhã e a identificação, por Diogo do Couto (1542-1616), de Josaphate com o Buda. Introdução e notas de Margarida Corrêa de Lacerda. Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1963.

Esta obra, que poderia ser um estudo da circulação de lendas pelo Oriente, com seus sucessivos acréscimos, até atingir o Ocidente medieval incorporando-se na sua vida cultural, resume-se numa simples edição da obra, com uma introdução.

Pela introdução ficamos sabendo da importância da lenda, que é a da infância de Buda e sua pregação, que se espalhou por diversos povos orientais atingindo até as igrejas católicas, ortodoxa e romana, onde Josaphate passou a ser identificado como um santo cristão e, sua vida um exemplo aos monges. Na verdade esta lenda foi aproveitada e englobada por todas as religiões que tomaram contacto com ela. E na Europa moderna teve uma grande difusão, atingindo até a forma de conto infantil, conforme cita a anotadora. No século XIX os estudiosos orientalistas traçaram sua rota quase que desde a origem e os acrescentos feitos pelos diversos povos, como indica a ampla bibliografia citada, e a autora indica um texto português do século XVI, de Diogo de Couto, *Década V da Ásia*, onde a relação entre Josaphate e Buda está claramente feita, pela primeira vez.

Após esta introdução, com a edição do texto diplomático da obra de Diogo do Couto, a anotadora nos apresenta em breve resumo a vida e a doutrina de Buda, a passagem da lenda budista a romance cristão, a integração deste na religião mesmo, com Santo Josaphate e Santo Barão reconhecidos pelas Igrejas, as

edições da obra que são extremamente numerosas, e o texto com fâc-símile e leitura diplomática anotada e, finalmente a bibliografia utilizada.

O texto em si é fâcilmente compreensível: é a história de um rei que não tinha herdeiro e que quando êste nasceu ao ser tirada sua sorte, esta mostrou que se converteria em cristão e tudo foi feito para que isto não acontecesse, e mesmo assim ao crescer e apreender sôbre a realidade da vida fêz-se cristão pelos ensinamentos de Barlão, foi perseguido pelo Diabo, resistiu, conseguiu converter seu pai e muitos pagãos: idêntica as lendas de Buda que correm pelo Oriente, e as de muitos santos.

O que nos causa estranhesa é que a anotadora simplesmente limitou-se a editar o texto, o que era sem dúvida necessário, apresentando uma ampla bibliografia sôbre o assunto, mas deixou de dar sua contribuição pessoal, de aproveitar êste riquíssimo material em suas mãos, de explorar as comunicações entre o Oriente e o Ocidente na Idade Média e no período dos Descobrimentos e formação do Império Português, de demonstrar a importância da assimilação de uma lenda budista a ponto de torná-la uma obra exemplificadora da moral cristã, destinada a monges. Como a edição está feita, esperamos que alguém brevemente a complete, como merece por sua importância.

RAQUEL GLEZER

*

* *

GUINET (Louis). — *De la Franc-Maçonnerie Mystique au Sacerdoce ou La Vie Romantique de Friedrich-Ludwig-Zacharias Werner (768-1823)*, publicação da Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de Caen. Caen, 1964.

Estudando cuidadosamente as etapas da vida de Werner, Louis Guinet, professor da Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de Caen, amplia um seu trabalho anterior, *Zacharias Werner et Pésotérisme maçonnique*, publicado em 1962 para as coleções da VI Secção da Escola Prática de Altos Estudos, Sorbonne. A obra, portanto, é algo mais completo sôbre o conhecido autor dramático alemão, onde se buscam as raízes de sua conversão ao catolicismo, através de uma análise profunda de seus escritos e dos episódios mais significativos de sua formação.

A qualidade principal de Guinet está na contribuição que seu trabalho representa para a História do Romantismo, isto porque os aspectos que nos revelam a vida de Werner podem ser inseridos num contexto mais geral, qual seja, o da importância da franco-maçonaria em tôda a Europa e do clima místico que antecedeu o aparecimento do Romântismo. Suas conclusões vêm, de certa maneira, confirmar as que Auguste Viatte apresentou em *Les Sources Occultes du Romantisme* (Paris, 1928, 2 vs.), obra indispensável para a compreensão do problema.

De fato, os grandes traços do "espírito" do movimento romântico, o autor vai encontrá-los na obra de Werner, numa tentativa de explicar o processo evolutivo que culminou com sua ordenação.